



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

HISTÓRIA E IMPRENSA: O JORNAL VASSOURENSE E A CONSTRUÇÃO DE UMA OPINIÃO PÚBLICA NO VALE DO CAFÉ – VASSOURAS (1882 – 1896)

Marcelo Monteiro dos Santos*

1

Para melhor situar esta comunicação, começarei explicitando o conceito de opinião pública pois esse torna-se central em nossa análise. Podemos defini-lo conforme Nicola Matteucci, no Dicionário de Política de Norberto Bobbio. Ele alerta que o conceito é uma fato moderno e evidencia o surgimento de uma sociedade civil distinta do Estado. Forma-se a partir de centros não individuais que favorecem uma crítica a força política do Estado. Como salienta Marco Morel o conceito é polissêmico e sua definição permeada de cuidados.

Essa definição serve para situar meu objeto de análise: a formação de uma opinião pública no vale do Paraíba fluminense no final do Oitocentos. Mais precisamente na cidade símbolo da economia do Império: Vassouras. Minha intenção é perceber como o surgimento da imprensa periódica na cidade favoreceu uma discussão política acerca de questões que interessavam vários setores da sociedade fluminense no último quartel do século XIX. Podemos recordar algumas, tais como, o declínio da produção de café na região fluminense, que o historiador Ricardo Salles aponta como ponto de partida o final da década de 1870; a questão da abolição da escravidão que está

* Mestre em História Social madri_ms@hotmail.com

no horizonte daquela sociedade seja pela luta abolicionista ou pela lei do ventre livre que, a partir de 1871, coloca a extinção do trabalho escravo como algo certo para acontecer; por último nosso recorte abrange um período de transição política na história do Brasil, o fim do Império e o estabelecimento da República.

Sobre esse recorte estabelecemos o ano de 1882 até 1896. Esse é o tempo de vida do periódico fundado por Lucindo Pereira dos Passos Filho: a folha intitulada *Vassourense*. Vale destacar aqui algo que tenho percebido no levantamento historiográfico realizado para esta pesquisa. O periódico citado figura como fonte em diversos trabalhos no campo da História, principalmente no que tange à escravidão e as elites agrárias da região, privilegiando o estudo de redes de clientelismo. Entretanto, não existe pesquisa que trate o periódico como ator histórico que teve relevante papel no debate político no interior da província do Rio de Janeiro.

VASSOURENSE: “UM PERIÓDICO IMPARCIAL, NOTICIOSO E LITERÁRIO”¹

2

Eis a razão do aparecimento do *Vassourense*. Elle apresenta-se ao publico desprovido de atavios, e sem pretensões. A imprensa em si já é um indício do progresso das localidades; é uma força que não se deve desprezar, antes aproveitar quando bem dirigida e honesta. Não se envolverá nas lutas partidárias, visto como não alça a bandeira de nenhum dos partidos militantes, não ficando por isso isento de tratar dos problemas sociais, e de política em geral, a que nenhum cidadão deve ser estranho.²

A história da imprensa no Vale do Paraíba fluminense ainda está por ser escrita. “Ainda está por ser escrita” é uma expressão comum em trabalhos historiográficos que abordam objetos que ainda não chamaram a atenção dos historiadores. A imprensa periódica fluminense é um desses casos. Sustento essa afirmação pela dificuldade em encontrar historiografia que aborde o tema ou até mesmo arquivos ou hemerotecas organizadas, nos quais o pesquisador possa fazer seu trabalho, a partir do contato com as fontes. Feita essa pequena digressão, passamos então à fonte que nos ocupará daqui por diante: o periódico *Vassourense*. Saliento que esta

1 Epígrafe do periódico que o acompanha do primeiro ao último número (1882-1896).

2 *Vassourense*, 19 de fevereiro de 1882, nº 1, p.01. Optamos pela transcrição dos textos sem correção ortográfica e gramatical.

comunicação tem por objetivo estabelecer apenas um primeiro contato com esta fonte, encarando-a não como fornecedora de informações para corroborar hipóteses, mas ao contrário, tentando inscrevê-la em um quadro amplo que possa identificá-la como espaço de discussões políticas e gestora de ideias.

O jornal *Vassourense* foi fundado em 1882, por Lucindo Pereira dos Passos Filho, médico mineiro que após regressar da Guerra do Paraguai veio se estabelecer em Vassouras, interior da província do Rio de Janeiro. A figura de Lucindo Filho merece um estudo a parte, (não cabendo fazê-lo aqui), isso porque como intelectual e redator do periódico desenvolveu ideias que podem ser alinhadas a muitos intelectuais brasileiros do século XIX. Sobre essa inscrição de Filho em uma “rede” intelectual mais ampla, podemos citar duas destacadas figuras de nossa história que contribuía com textos para o periódico e com os quais mantinha certa correspondência: Machado de Assis e Olavo Bilac.

Para uma primeira aproximação, estabelecemos um recorte temporal bem preciso: 19 de fevereiro a 28 de maio de 1882. Analisamos os quinze primeiros números do periódico que circulava semanalmente com publicação dominical, ao preço de quarenta réis. Das quatro páginas que compunham o impresso nos detemos em duas colunas apenas: o editorial e a seção de notícias. Por que isso? Acreditamos que cada coluna do periódico por si só, analisada em um determinado período, é capaz de dar conta de inúmeros aspectos. Os recortes a partir das colunas permitem reconstruir um panorama do público leitor e mostrar a construção de opiniões voltadas a esse público. O jornal é composto de diversas colunas tais como: Noticiário, agricultura, folhetim, seção livre (na qual geralmente encontramos poesias), literatura, entre outras que aparecem esporadicamente ao longo das edições.

Partindo então dessas duas colunas, ambas redigidas por Lucindo Filho, queremos apontar três aspectos que identificamos nesse primeiro contato com o periódico: um caráter informativo, identificado por nós através do noticiário sobre a epidemia de febre amarela que grassou no município dois anos antes do surgimento do jornal. A tentativa de apontar as ideias políticas dos homens letrados que colaboravam no periódico – tratamos aqui com exclusividade o redator, Lucindo Filho, analisando seus textos que figuram no editorial do jornal – e o caráter formativo que teria o

objetivo de criar uma opinião uniforme no público leitor chamando a atenção para problemas que estavam na ordem do dia. Delineia-se aqui o aspecto político que concorreria para a formação de uma opinião pública na sociedade vassourense de fins do século XIX.

Como argumenta o já citado Morel, é possível perceber a trajetória deste conceito de forma cronológica e geográfica, não sendo possível uma homogeneização conceitual para qualquer sociedade e qualquer tempo. Jacques Becker também salienta que “num país onde a imprensa é livre, todos os aspectos da opinião pública têm chance de se refletir nos jornais [...]”.³ Fica, no entanto, o alerta de que a simples “existência de uma imprensa periódica não implica necessariamente o aparecimento de uma opinião pública no sentido crítico do termo”.⁴ Somente uma pesquisa aprofundada pode dar conta de responder a essa questão, mas é válido levantá-la. Dito isso, continuemos nossa análise levantando então o primeiro aspecto que nos chamou a atenção nas páginas do *Vassourense*.

A questão das epidemias e das doenças na história já constitui um capítulo a parte e se insere numa história social das doenças. A febre amarela que atinge Vassouras em 1880 e 1881 deixa um rastro de mais de oitenta óbitos, o que gera um grande alarde em uma cidade com poucos milhares de habitantes residindo em seu centro urbano à época. Chama atenção aqui o curioso fato de que mesmo o jornal tendo sido fundado quase um ano após o fim da epidemia, existe uma grande preocupação em chamar a atenção da sociedade e das autoridades municipais para a questão da higiene pública com receio de que a falta de cuidados “higiênicos” gere as condições para o reaparecimento da doença:

O estado sanitário desta cidade é excellente, não há receio mais que reapareça a epidemia de febre amarella. Contudo chamamos a atenção da autoridade competente para os vendedôres de frutas verdes, que de vez em quando se veem pelas ruas.⁵

(...) o que é facto é que, se a epidemia não tivesse declinado por falta de combustível, e pela entrada do inverno, apesar de todas as

3 BECKER, J. Jacques. A opinião pública. In: Por uma história política. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p.196.

4 MOREL, M. & BARROS, Mariana Gonçalves Monteiro de. Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX, p.204.

5 Vassourense, 19 de fevereiro de 1882, nº 01, p.03.

reclamações ainda estariam sendo enterrados cadáveres de epidemias no cemitério actual tornando-o em foco de infecção permanente.⁶ Chamamos a atenção do fiscal da freguesia para o estado de imundície em que se achão as ruas. Cortarão-lhes as barbas com tesoura, mas esquecerão-se de passar a navalha.⁷

Podemos perceber pela forma como são veiculadas as notícias um teor de alerta às autoridades municipais para que tomem as medidas necessárias de modo a evitar que doenças, como a febre amarela, reaparecessem. São comuns na seção do noticiário e no editorial esse tipo de posicionamento frente à Câmara Municipal. Nos exemplares por nós arrolados para elaboração desta comunicação, encontramos ainda a publicação, na íntegra, de um relatório produzido pelo Doutor José Teixeira, ao que parece, médico que compunha uma junta de higiene enviada da Corte para tratar os doentes durante a epidemia de 1881. O referido relatório foi dividido em onze partes e publicado do número cinco ao quinze das edições do *Vassourense* em 1882. A partir da coluna “epidemiologia”, o público poderia conhecer o que havia se passado no decorrer da epidemia, como salienta Lucindo Filho:

Ainda está bem viva no espírito de todos a recordação da terrível epidemia de assolou esta cidade nos annos de 1880-1881. Não temos necessidade agora, nem queremos lembrar os quadros de afflicção dolorosa que se desenrolarão nesta triste epocha; ainda não se apagarão os vestígios, que tão fundos, e duradouros persistem, entorpecendo, e perturbando a marcha da nossa pequena marcha social outrora tão serena e socegada [...].

Mas não devemos abusar do estado favorável que se acha a salubridade pública; é preciso dar mais importância aos preceitos hygienicos, o que o simples bom senso indica. Não parece que acabamos de soffrer tantas calamidades; a incuria e desidia continuão a ser nota dominante no seio da população.

As ruas estão immundas, o cemiterio municipal continua a receber cadáveres, apesar de todos os protestos particulares e officiaes, devendo nos dar graças as circumstancias naturaes que fizerão com que não desmoronoasse a eminencia onde se fazem os enterramentos.

Se não nos acantelarmos, se continuarmos a preparar terreno, veremos uma nova semente fazer desenrolar-se outra epidemia de febre amarella semelhante á que tanto nos acabrunhou, e cuja história acaba de ser dada á luz pelo illustrado Sr. Dr. José Teixeira, no relatorio que dirigiu ao presidente da junta central de hygiene publica.

O relatorio do Dr. Teixeira é a historia exacta da epidemia de 1881; e nós, publicando-o em nossas colunas, prestamos um serviço ao

6 Vassourense, 05 de março de 1882, nº 03, p.02.

7 Vassourense, 07 de maio de 1882, nº 12, p.01.

publico, ensinado-o a precaver-se dos males futuros, e pondo-o de sobre aviso, pois se não tivermos cuidados, e se não atendermos ás exigencias da hygiene, poderemos ver desenvolver-se um febre quanquer de máo character, inda mesmo que não seja o typho americano.

Limpeza das ruas e quintaes, e remoção do cemitério, eis o que desde já é necessário que se faça.⁸

Nesse longo texto do editorial, o redator deixa bastante clara a função do jornal *Vassourense* naquela sociedade. A publicação do relatório, nas palavras do redator, tinha o objetivo de “prestar um serviço público” e “ensinar a população” a precaver-se. Delineamos assim, o primeiro aspecto dessa imprensa nascente na cidade de Vassouras, função informativa e formativa.

Sobre a questão da formação de uma opinião pública, já foi explicitado anteriormente à necessidade de cautela ao lidar com este conceito. Queremos então aqui apenas apontar um possível começo da formação dessas ideias com o periódico ora analisado. Quanto aos homens que compunham a redação do jornal, temos informações importantes como à profissão de cada um. Sabemos que, em sua maioria, inclusive o redator, eram médicos. A função de jornalista era desempenhada em paralelo à profissão de médico. Marco Morel lembra que “levou bastante tempo para que as características do fazer jornalístico fossem sistematizadas, para que o jornalismo deixasse de se confundir com a literatura e adquirisse elementos próprios, tornando-se um campo de saber singular”.⁹ A literatura, da qual nos fala Morel, é outro campo profícuo a ser estudado através das páginas dos periódicos.

Todos esses intelectuais que se aglutinavam e faziam a imprensa daquele momento carregam um ideal “pedagógico”. Recorrendo ainda a Morel, ao escrever sobre os homens que faziam a imprensa no início do século XIX no Rio de Janeiro, ele coloca que estes acreditavam estar “imbuídos de uma missão pedagógica, esclarecedora, civilizadora. Desejavam contribuir para incorporar à sociedade as camadas que, de classes perigosas ou ameaçadoras, poderiam se transformar em elementos úteis e integrados, por meio da educação e da cultura, ao trabalho e a um determinado grau de

8 Vassourense, 19 de março de 1882, nº 05, p.01.

9 MOREL, Marco & BARROS, Mariana Gonçalves Monteiro de. Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p.63.

cidadania”.¹⁰ Transferindo esse ideal para nosso objeto, acreditamos ser possível perceber algo bastante parecido. Assim escreve Lucindo Filho em um dos editoriais:

Ampliar a instrução e disseminá-la por todas as camadas sociais foi, é e deve ser sempre o desideratum de um povo livre [...]. Já longe vão as eras em que o saber era monopólio de algumas classes privilegiadas, já vai remoto o tempo em que o espírito humano sempre avido do desconhecido, era atrofiado em suas aspirações. E que se pode decretar a eleição direta ou suffragio universal, o progresso não se decreta, conquista-se, como já disse um escriptor moderno.

Neste seculo, em que não ha mais peias á intelligencia, deixar o povo na ignorancia, não abrir-lhe as portas das escolas, não facilitar os meios de instruir-se aquelles que não têm recursos, se não é um crime, é indigno de uma nação, que de diz civilisada.¹¹

A relação dos analphabetos no Brazil é de 90%, isto é que cada grupo de 1,000 indivíduos só 100 sabem ler.....

Isto faz correr um calafrio tal por todo o corpo que a gente suppõe estar com maleitas; valha-nos Deus!¹²

Encontramos nas palavras do redator a ideia de progresso, algo bastante caro a uma parcela da intelectualidade do século XIX e também aos intelectuais herdeiros da filosofia das Luzes. É notória também a preocupação com a educação, instrumento essencial para o progresso de uma nação. Para sustentar nossas afirmações seria necessário um trabalho prosopográfico que buscasse criar um quadro para mostrar tanto a formação desse grupo de intelectuais que dirige essa imprensa nascente, quanto o grupo de leitores e receptores das informações por ela disseminadas. Isso não se fez possível para esta comunicação, mas constitui uma fértil metodologia para analisar e ampliar o objeto que apresentamos neste trabalho, tal como salientou Tânia Bessone da Cruz Ferreira. Para uma rápida referência às ideias liberais que citamos anteriormente, as quais poderiam espreitar no pensamento desses intelectuais que gravitavam em torno do *Vassourense*, temos um editorial de Lucindo Filho que faz alusão a uma figura política do século XVIII que trazia ideais, estes sim, claramente reformadores.

Ao completar-se o primeiro centenário do Marquez de Pombal, e entre os festejos que se lhe preparão em homenagem, seja-nos permitido consagrar duas palavras á sua memória.

10 MOREL, Marco & BARROS, Mariana Gonçalves Monteiro de. Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX, p.41.

11 Vassourense, 26 de fevereiro de 1882, n° 2, p.01.

12 Vassourense, 07 de maio de 1882, n° 12, p.03.

As grandes individualidades não se apagarão nas solidões de um tumulto; continuam vivas na história, lembradas pelos elogios de uns e pelas censuras de outros. Em breve ter-se-á terminada um século depois que retirou-se da cena do mundo uma das glórias portuguesas. (...) Atravezdos excessos de que o acusão vê-se o homem dos tempos modernos. Era um tyrano, um despota que 'apoiado pelo rei a quem servia, exerceu toda sorte de opressões, mas era um despota que decretava a liberdade dos escravos, que extinguiu as odiosas distincções entre raça conquistadora e conquistada na Índia entre christãos novos e velhos na Europa, que abolia as iníquas prisões pordívidas cívicas, um despota cujas reformas liberaes ainda são leis vivas entre nós. (...).

A posteridade fazer-lhe justiça: perdoa-lhe os erros, e elogia-lhe as grandes qualidades.¹³

No início da minha fala, estabeleci como meta a análise da imprensa enquanto produtora de ideias políticas. É necessário, entretanto, articular as ideias veiculadas pelos periódicos aos grupos produtores dessas ideias. Surge assim o estudo desses grupos de intelectuais que trabalham como criadores, mediadores e receptores sócio-culturais.¹⁴ Tocamos nesse ponto por acreditar ser de fundamental importância para o estudo das ideias políticas. Segundo o historiador François Sirinelli, “o estudo dos intelectuais como atores do político é portanto complexo.” Completa o autor que: “a história política dos intelectuais passa obrigatoriamente pela pesquisa longa e ingrata, e pela exegese dos textos, e particularmente, dos textos impressos, primeiro suporte dos fatos de opinião, em cuja gênese, circulação e transmissão os intelectuais desempenham um papel decisivo; e sua história social exige a análise sistemática de elementos dispersos, com finalidades prosopográficas.”¹⁵

Ainda sobre os posicionamentos políticos identificáveis nas páginas do *Vassourense*, outro fato nos chama atenção. Já nos primeiros números surge uma indisposição com os vereadores da cidade. Notamos que a imprensa, ao levar ao público notícias com o intuito de informar, (se quisermos aqui acreditar em uma imprensa livre de posicionamentos partidários), gera também desconfortos políticos. Em abril de 1882, o jornal noticia o abandono de determinado prédio da cidade que, deixado em

13 Vassourense, 07 de maio de 1882, nº 12, p.01.

14 Cf. SIRINELLI, J. François. Os intelectuais. In: Por uma História política. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p.243.

15 SIRINELLI, J. François. Os intelectuais. In: Por uma História política, pp. 244-245.

testamento, deveria abrigar um asilo para meninas. As providências para a instalação caberiam à Câmara de vereadores. Após as “denúncias” feitas pelo *Vassourense*, e respostas do secretário da Câmara Municipal, o periódico noticia em seu editorial:

(...) Foi o Vassourense acusado de ter feito desde seu primeiro numero censuras injustas a mesma camara; e mandou-se consignar na acta, depois de calorosa discussão que se este periódico continuasse nesse proposito, seria rescindido o contrato.

Realmente custa a crer que semelhante facto se tivesse dado no seio de uma corpoaração, em que há membros tão sensatos!

Quaes forão as reclamações injustas que fizemos?

Ponhamos as cousas em seu verdadeiro pé; deixemos de meias palavras, pois estas só bastão a bons entendedores, e a camara de Vassouras não quer entender bem.

O Vassourense fez um contracto com a camara para publicar o seu expediente, o que elas por lei é obrigada a fazer, pois que o municipio tem necessidade de saber os actos de seus delegados; mas por esse contracto não se obrigou a sacrificar-lhe a imparcialidade, nem a erigir-lhe altares em que todos os domingos seja incensada. Não é uma folha official da camara, que não o pode ter.

E' essa a missão da imprensa séria e moralizada, a qual não deve ser temida se não estimada, por todo aquelle que sabe cumprir com suas obrigações.¹⁶

No texto é bastante claro o primeiro embate de ideias. Acusações de um lado e a colocação da imprensa nascente como “séria e moralizada.” Percebemos no âmbito das ideias uma nova força política posta em jogo: a força da imprensa, da circulação de palavras impressas. Ainda sobre a questão com a Câmara, encontramos nas edições posteriores do periódico várias críticas à postura da mesma. Da citação que segue, percebemos o grau de instrução e erudição do grupo de intelectuais que compunham a redação do *Vassourense*. O texto é uma resposta às supostas acusações dirigidas ao jornal em seção ordinária da Câmara Municipal.

(...) Diz o illustre secretário que a camara por lei, não é obrigada a publicar o seu expediente.

Imos batel-o com suas proprias armas. A lei de 1 de outubro de 1828 está ainda em perfeito vigor, e nunca foi revogada, pelo que não lhe cabe o epitheto de *caduca* que lhe dá o digno secretário; é ainda a lei organica das municipalidades (...);

Artigo 62 - *farão publicar anualmente pela imprensa, onde melhor lhe convier, um extracto de todas as resoluções tomadas, com as declarações específicas nas notas.*

16 *Vassourense*, 02 de abril de 1882, n° 07, p.01.

Artigo 61 - estabelece que as camaras municipais *serão assignates...* dos periódicos que contenhão os extratos das sessões das camaras municipaes da provincias etc (...).
As leis devem ser observadas, e se não o são, devem ser responsabilizados aquelles que ou não as cumprem, ou não as fazem respeitar (...).¹⁷

Com relação aos pedidos de atenção à Câmara Municipal para com o referido prédio, assunto esse que desencadeou as réplicas e trélicas nas páginas do jornal, o asilo para meninas foi finalmente instalado.

O *Vassourense* não estava sozinho no seu papel de imprensa livre dentro da sociedade fluminense de fins do século XIX. Notamos ao pesquisar as fontes que havia uma intensa correspondência com a redação de inúmeros periódicos de cidades vizinhas. Podemos estabelecer uma possível rede de sociabilidades que aglutinava esses atores políticos. Sabemos, a partir disso, que as informações não eram restritas a determinada localidade. Circulavam pelo menos entre os intelectuais envolvidos com as redações. Transcrevemos algumas dessas correspondências:

Fomos obsequiados durante a semana com os seguintes periódicos: *Diário do Brazil*, *Revista de Engenharia*, *Gazetinha*, *Messenger du Brésil*, da Côte e Arauto, de Petrópolis.
A todos agradecemos e enviamos nosso periódico.¹⁸
Recebemos durante a semana os seguintes periodicos: *Gazeta de Notícias*, *Diário do Brazil*, *Gazetinha*, *Tam-Tam*, *Messenger du Brésil* e *Revista de Engenharia*, da Côte; *Monitor Campista*, de Campos; *Tempo*, de Valença; *Itatiaya*, de Rezende; *Gazeta de Angra*, de Angra dos Reis; *Fluminense*, de Nictheroy; *Pharol*, de Juiz de Fóra, *Arauto de Minas*, de São João d'El-Rei.
A todos agradecemos e retribuimos.¹⁹

Encontramos mais de uma dezena de periódicos que recebiam as folhas do *Vassourense* e também se ofereciam à redação do mesmo. Uma intensa troca de informações que somente um estudo aprofundado dará conta de responder às diversas questões que veem à tona: Como esses redatores se articulavam com os grupos políticos locais? Havia uma imprensa realmente livre nessas cidades? Qual a força política dessa imprensa articulada? Todas essas questões se oferecem como instigantes desafios a nós

17 *Vassourense*, 16 de abril de 1882, n° 9, p.01.

18 *Vassourense*, 12 de março de 1882, n° 04, p.02.

19 *Vassourense*, 19 de março de 1882, n° 05, p.02.

historiadores. Não podemos desprezar os conceitos polissêmicos que figuram nessas breves citações. Qual a força retórica de conceitos como *progresso*, *opinião pública*, *cidadão*, *povo*, *nação*, para aquele momento político? Qual seria o impacto de tais conceitos em uma sociedade marcada pela escravidão e pela formação de elites agrárias?

Caminhando para a conclusão, quero expressar mais uma vez a minha intenção em aqui oferecer uma variedade de possibilidades ao estudo da imprensa periódica do século XIX. Procurei mostrar como a imprensa se articulava para oferecer não somente notícias, mas também, um diagnóstico social e político. Existem várias maneiras de se apropriar da imprensa como objeto. Explicitamos a forma de encará-la como ator político, não mero reflexo das ações políticas, mas, em igual medida, produtora e fermento de muitas delas como a historiografia sobre o tema vem demonstrado. Acredito que muitas questões aqui levantadas merecem uma análise mais atenta, com o cruzamento de mais informações e obviamente uma diversificação maior das fontes, mas nossa intenção é apenas a de fomentar o debate e abrir um caminho para pesquisas futuras. No mais, ficamos com a expressão com a qual inicio essa discussão: a história da imprensa fluminense ainda está por ser escrita, bem como o desvelamento do papel da imprensa na construção de uma opinião pública no Vale do Paraíba fluminense. Bem como o papel desempenhado pelos intelectuais que a fabricavam.

11

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKER, J. Jacques. A opinião pública. In: *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

MOREL, Marco & BARROS, Mariana Gonçalves Monteiro de. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SIRINELLI, J. Fraçois. Os intelectuais. In: *Por uma História política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

Periódico

Vassourense (1882)

VI Simpósio Nacional de História Cultural
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar
Universidade Federal do Piauí - UFPI
Teresina-PI
ISBN: 978-85-98711-10-2